

Passado composto. Três cartas

I

Carta de Dom Sebastião de Avis¹, rei de Portugal, para Francisco Goya, pintor

Neste meu universo de trevas, onde o futuro já está aqui, ouvi dizer que vossas mãos são insuperáveis para pintar carnefícias e caprichos. Aragão é a vossa terra, querida por mim pela sua solidão, pela geometria de suas ruas e pelo verde silencioso dos seus pátios escondidos atrás de grades redondas. Existem capelas escuras com imagens dolentes, relíquias, tranças de cabelos em redomas de vidro, frascos de verdadeiras lágrimas e de verdadeiro sangue – e pequenas arenas onde fugir da besta é impossível e onde homens esbeltos brincam com ágeis passos de bailarinos. De nossa península, a vossa terra tem uma virtude quintessencial, nas linhas, na fé e na fúria: destas escolherei algumas figuras do símbolo, que, como emblema heráldico de um país único, vós siglareis na margem do quadro que vos encomendo.

Portanto, à direita fareis o Sagrado Coração de Nosso Senhor; e ele estará gotejando e envolvido por espinhos como nas iconografias que os cegos e os ambulantes vendem nos adros de nossas igrejas. Mas terá que ser fielmente reproduzido segundo a anatomia do homem, porque para padecer na cruz Nosso Senhor se fez homem e o seu coração rebentou humanamente e foi traspassado enquanto músculo de carne. Vós o fareis assim, muscular e pulsante, túrgido de sangue e de dor; com o desenho das veias, as artérias cortadas e o retículo minucioso da membrana que o envolve e que será aberta como um cortinado e dobrada sobre si mesma, como a casca de uma fruta. No

1 Dom Sebastião de Avis, 1554-1578, último rei português da dinastia de Avis. Subiu ao trono ainda menino, foi educado em um ambiente de misticismo, cresceu com a convicção de ter sido eleito por Deus para grandes feitos. Cultivando o sonho de submeter a Barbária e de estender o seu reino até a venerada Palestina, organizou um enorme exército formado em grande parte por aventureiros e por maltrapilhos, e lançou-se em uma cruzada que marcou o desastre de Portugal. Nos arredores de Alcácer-Quibir, o exército português, extenuado pelo calor e pela marcha forçada no deserto, foi aniquilado pela cavalaria ligeira dos mouros em agosto de 1578. Com o desaparecimento de Dom Sebastião, que não tinha descendentes diretos, Portugal sofreu a única dominação estrangeira de sua história: anexado à coroa da Espanha por Felipe II, reconquistou a independência em 1640, depois de uma revolta nacional.

Textos extraídos de *I volatili del Beato Angelico*, Palermo, Sellerio, 1987. *Passado composto. Três cartas. Carta de Dom Sebastião de Aris, rei de Portugal, para Francisco Goya, pintor.*

coração será melhor enfiar a lança que o traspassou: esta deve ter a lâmina em forma de anzol, produzindo um dilaceramento pelo qual o sangue escorra copiosamente.

Na outra margem do quadro, à meia altura, assim resultará necessariamente no limiar do horizonte, pintareis um pequeno touro. Vós o fareis encolhido sobre as patas traseiras e com as patas dianteiras graciosamente posicionadas para a frente, como um cão doméstico; e os seus chifres serão diabólicos e o seu aspecto maldoso. Na fisionomia do monstro dissipareis a arte daqueles caprichos nos quais sois superior, e então o seu focinho terá um ar zombeteiro: mas os olhos serão ingênuos e quase infantis. O tempo será brumoso e a hora aquela do crepúsculo. Uma sombra noturna, piedosa e mole, já estará descendo e velará a cena. Sobre o terreno existirão cadáveres, muitíssimos cadáveres, em abundância como as moscas. Vós os fareis assim, como sois hábil em fazer, incôngruos e inocentes como são os mortos. E ao lado deles, e entre os seus braços, pintareis as violas e os violões que levaram como companhia para a morte.

No meio do quadro e bem no alto, entre as nuvens e o céu, fareis uma nau. Ela não será a cópia fiel de uma nau, mas algo como um sonho, uma aparição ou uma quimera, porque estará junto com todas as naus que, por mares desconhecidos, levaram minha gente para costas longínquas e para os abismos infinitos dos oceanos; e junto estarão todos os sonhos que a minha gente sonhou debruçada nos rochedos do meu país projetado sobre a água; e os monstros que ela criou na imaginação, e nas fábulas, os peixes, os pássaros ofuscantes, os lutos e as miragens. E junto estarão também os meus sonhos, que herdei dos meus ancestrais, e a minha silenciosa loucura. À figura de proa desta nau, que terá aparência humana, dareis feições que pareçam vivas e lembrem remotamente o meu rosto. Sobre elas poderá pairar um sorriso, mas que seja incerto ou vagamente inefável, como a nostalgia irremediável e sutil de quem sabe que tudo é vazio e que os ventos que enfunam as velas dos sonhos nada mais são do que ar, ar, ar. [MCMM]